

Com esta árvore. Respirar, involuir, devir...

Mariana Valente¹, Leonor Serpa Branco²
e Maria Ilhéu³

— Prólogo

Eram muitas vezes, as vezes da visita a uma árvore, **esta árvore**. Com ela fomos experimentando sentires, pensamentos, modos de coabitar criativos, modos de ligação transformadores. E fomos trazendo vozes que ajudam a saber *involuir* com **esta árvore** e todos os seres presentes, em cooperação, em comunicação. De entre essas vozes experienciais e de conhecimento destacamos Natasha Myers, Vinciane Despret, Donna Haraway, Anna Tsing, Suzanne Simard, Stefano Mancuso, entre muitas outras.

As nossas experiências com **esta árvore** têm subjacente uma prática inspirada no *empirismo delicado* de J.W. Goethe (1749-1832), que temos praticado nos últimos anos⁴. Esta prática tem-nos

1. Instituto de História Contemporânea, Grupo Ciência: Ciência, Estudos de História, Filosofia e Cultura Científica, Universidade de Évora, Portugal, e-correio: mjbv@uevora.pt.

2. Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, e-correio: leonorserpabranco@gmail.com

3. Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Universidade de Évora, Évora, Portugal; MED Mediterranean Institute for Agriculture, Environment and Development, Universidade de Évora, Évora, Portugal, e-correio: milheu@uevora.pt

4. Ver alguns desenvolvimentos do método *empirismo delicado* em Valente, M. & Ilhéu, M. (2021).

inspirado a estimular e acarinhar nos outros, experiências com outras espécies, com outros seres e com lugares, em contextos educativos. Este modo fenomenológico de conhecer o mundo foi desenvolvido por Goethe em contraste com o método experimental elaborado e apresentado por Francis Bacon (Brent Robbins, 2005) na sua obra *Novum Organum*, publicada pela primeira vez em latim em 1620⁵. A finalidade do método trabalhado nesta obra era a produção eficaz de conhecimento que permita dominar a natureza. Para isso, desenvolvem-se habilidades de interação com os fenómenos para desvendar “segredos” que a natureza não revela⁶. A invenção de instrumentos será essencial neste processo de conhecimento. Bacon trabalha, nesta obra, a passagem da dedução para a indução introduzindo o método experimental e influenciando e fundamentando a invenção das ciências modernas.

Goethe exhibe bem esse contraste na sua célebre polémica contra as ideias de Newton sobre a luz e contra o método utilizado, não por desqualificação do método na produção de conhecimento, mas pelo não reconhecimento de que esse método e esse conhecimento têm limites. O romance de Serge Bramly (1992), *Piège à la lumière*, leva ao extremo algumas das ideias nascentes com Bacon. Como conhecer a luz e revelar os seus segredos? O autor coloca em cena uma ideia de quase tortura da luz. O romance revela as artes de criação de um labirinto, sombrio, por onde se obriga a luz a passar e mostra as armadilhas instaladas para apanhar a luz desprevenida. Pode-se ver, neste romance, uma certa caricatura de um método que tem muito poder, mas que não pode ser único no

5. Consulta da versão eletrônica, traduzida por José Aluysio Reis de Andrade. Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>

6. Ibid., no aforismo XCVIII, Bacon escreve: “os segredos da natureza melhor se revelam quando esta é submetida aos assaltos das artes que quando deixada o seu curso natural”.

conhecimento do mundo. É um método que nos afasta da percepção e da fruição do mundo. Sem o desqualificarmos, importa que os contextos educativos tenham em consideração outros modos de conhecer que nos aproximem da natureza.

Contrariamente às personagens do romance *Piège à la lumière* que criam ambientes escuros e sombrios, Goethe começa a interessar-se pela luz e pelas cores estando imerso nessa realidade. E é a fruição da luz e das cores que alimenta o desenvolvimento de um processo de conhecimento. A alegria que sente nas suas experiências diretas e a imaginação colocada nas suas múltiplas experimentações culminam na conceção de outro método de conhecimento da natureza⁷. Dizer que as cores não existem, como diz Isaac Newton (1979, obra publicada em inglês, baseada na edição de 1730), pode significar negar a nossa experiência do mundo, embora estejamos perante elaborações matemáticas poderosas e valiosas sobre o mundo. Ao poder do conhecimento, Goethe opõe-lhe a empatia, a reverência, a transformação dos seres envolvidos no ato de conhecer. Esta outra forma de conhecer liga-nos ao mundo e com essa ligação não nos sentimos sós. São modos de conhecer complementares, a cultivar nas nossas existências. Temos o privilégio de sermos herdeiras de diversos modos de conhecer e contemporâneas de uma miríade de tantos outros. O *empirismo delicado* de Goethe promove uma relação participativa entre conhecedor e conhecido que é mutuamente transformadora. Na aproximação *goetheana* ao mundo natural, as relações entre quem quer conhecer e quem poderá vir a ser conhecido, no seu devir, constituem-se como base para o desenvolvimento de uma responsabilidade ética relativamente aos mais que humanos.

7. Ver *Conversations of Goethe with Johann Eckermann* (1998)

Brent Robbins (2005, p.123) traduz esta ideia de uma forma elegante e clara: “Quando treinamos a disponibilidade de sermos transformados por um fenómeno [por um ser ou por um lugar], então também entramos num processo de enação [com uma das dimensões] do *empirismo delicado*. Desenvolvemos a capacidade de nos tornarmos eticamente responsáveis nas nossas obrigações para com o observado”.

Disseminar encontros entre seres, no caso deste projeto entre humanos e árvores diversas, numa relação singular e coletiva, é um gesto educativo, que tanto quisemos e queremos cultivar, e é a trama do que se segue, em que as nossas experiências e as nossas leituras se tornam “composto”, alimento, para o nascimento de novos modos de vida e de coabitação.

Nesse sentido cruzam-se aqui experiências nossas, experiências de estudantes de artes, reflexões, sentires e pensamentos.

Chuva de folhas. Uma última coreografia aérea, dourada, por ser feita de folhas douradas, que se dirigem para o solo. Um novo ciclo começa para estas folhas e um novo modo de vida e de morte. Elas participarão em simbioses com muitos seres que não vemos. Elas serão composto. Foram ar, agora terra.

Serão *Terrapolis*, no sentido de Donna Haraway (2016), integração de todos os modos de ser terra e de ser criação.

— Inspirar, expirar, involuir

A Educação para a Sustentabilidade tem estado muito presente tanto na ação pedagógica como na investigação que desenvolvemos nos últimos anos. Temos como pressuposto essencial a importância do desenvolvimento de conexões entre

humanos e mais que humanos, conexões que envolvem o corpo todo e que transformam os envolvidos, como já referimos. Nesse sentido conceitos como *empirismo delicado* de Goethe, *making kin* de Donna Haraway, *involução* de Natasha Myers e *go visiting* de Hannah Arendt⁸, (conceito muito inspirador para Donna Haraway⁹ e para muitos outros pensadores), ajudaram-nos a valorizar e a experimentar formas de aproximação marcantes ao mundo naturocultural, às árvores, a esta árvore.

Make kin! – palavra de ordem de Donna Haraway, é uma palavra de ordem para a transformação do mundo em que vivemos, e que se encontra em grandes dificuldades, num mundo habitável no tempo. Criar laços de *parentesco* com os outros, humanos e mais que humanos (rios, montanhas, aves, árvores, bactérias, etc.), implica desenvolver o sentido da importância desses laços e a capacidade de imaginar e de sentir existências de seres muito diferentes de nós próprias. Criar laços de *parentesco* e ser justo com humanos exige uma atenção e uma sensibilidade que podem ser treinadas através da literatura, mais especificamente do romance, tornando-nos, assim, parentes de vidas muito diferentes das nossas, como defende Martha Nussbaum (2015) no seu livro *Arte de ser justo*. Para criar laços de *parentesco* com os mais que humanos também o romance, as narrativas, são vias de aproximação a quem é tão diferente de nós. E assim é o caso do *Manifesto das Espécies Companheiras*, de Donna Haraway (2018).

8. Hannah Arendt (1982) sublinha o papel da imaginação: “To think with an enlarged mentality means that one trains one’s imagination to go visiting”.

9. *Go visiting* é um conceito que interessa a Donna Haraway (2016) para, com Arendt, se interrogar sobre o que é pensar no Antropoceno. *Think we must!* escreve Haraway (p.67), sublinhando, com Arendt, a diferença entre saberes disciplinares e pensamento. É uma prática que exige a habilidade de desenvolver interesse ativo por outros seres (2018). É uma prática que envolve o corpo todo, e que multiplica perspetivas. O mundo tem muita importância, sem mundo não há pensamento.

É uma narrativa onde se inscreve o *parentesco* entre humanos e mais que humanos. Vinciane Despret, filósofa belga, descreve este manifesto, no prefácio da obra na sua versão francesa, como um meio de dar significado ao ato de aparentar (o aparentamento). E sublinha o valor de “uma história concreta e material, encarnada, uma história que acontece na carne, nas células, nas formas corporais, nos afetos, nos hábitos incorporados, de todos os que se transformaram em conjunto, uns pelos outros e com os outros” (Haraway 2018: 17). Estamos perante histórias de coabitação que nos predis põem para outras coabitações, outras narrações, outras histórias de encontros multiespécies. Estamos perante histórias que abrem a imaginação e que nos levam a outros modos de atenção. No manifesto, encontramos amor, dedicação, desejos de realização recíprocos (Vinciane Despret, 2018). No seu livro, *When Species Meet*, Haraway (2007) parte de duas questões que a orientam a pensar as relações com os mais que humanos, partindo da experiência próxima entre ela e a sua cadela; “1) Quem toco, quando toco na minha cadela? e 2) Como é *becoming with* na prática do *becoming worldly*?” São questões mobilizadoras para as nossas práticas de relação com o mundo e para as nossas práticas em contextos educativos. Nestes dois livros, há muitos seres em presença, mas destacam-se Haraway e a sua cadela Cayenne, que são personagens que vivem o processo de aparentamento.

Os romances, as histórias, as imagens e as experiências aproximam-nos do outro, humano e mais que humano, e ajudam-nos nas práticas de *becoming with*. Aparentarmo-nos com seres tão diferentes de nós é fonte de fruição, de dor, de inspiração, de ação, de respeito, de responsabilidade, de conspiração; é ser mundano. É ser mundano num *mundo comum*. Maxine Greene (2001),

lembra-nos que uma educação que mantenha viva a noção de *mundo comum*¹⁰ e permita criar realidades alternativas e uma consciência mais alargada de mundo, tem que fomentar a capacidade cognitiva da imaginação. Juntamente com o despertar da imaginação, temos que navegar o sentir da existência de seres muito diferentes de nós. Imaginar e sentir um mundo multiespécies é preciso!

Recuemos até 1975 para lembramos a importância da obra *The animal liberation*, de Peter Singer que impulsiona um movimento que pretende acabar com a discriminação e preconceito baseados numa característica arbitrária, como a raça, sexo, estendida também à espécie. Este movimento exigiu um alargamento de horizontes morais. Singer exorta-nos a pensar que muitas das práticas consideradas naturais e inevitáveis, devem ser vistas como resultado de um preconceito injustificável, e que as nossas atitudes devem ter subjacente o ponto de vista de quem sofre com elas. Esta mudança de pensamento implica rever atitudes e comportamentos para com os membros de outras espécies diferentes da nossa. Mas a atenção maior centra-se ainda numa pequena fração das espécies; os animais. Esses a quem se reconhece a capacidade de sentir dor, de sofrer. Alargar estes direitos a outros seres é uma tarefa difícil, quando não se imagina, não se legitima ainda que as árvores sentem. Devemos muito a Peter Singer pelo movimento de libertação dos animais, mas de algum modo este filósofo estabelece igualmente um modelo hierárquico no valor e na moral das diferentes formas de vida, defendendo o critério da sentiência para estabelecer fronteiras. Para Singer “O argumento

10. Conceito desenvolvido por Hannah Arendt (1958) para pensar a condição humana.

a favor do valor intrínseco das plantas ou ecossistemas – é na melhor das hipóteses problemático” (Singer 2008: 118). Ora nós queremos exatamente problematizar e especular, como escreveu uma das nossas alunas “...A árvore precisa de mim, precisa que eu me questione sobre isto, que me preocupe!”.

Estamos bem lembradas do massacre de animais na herdade da Torre Bela¹¹. Fazendo um exercício de procura na *web* sobre as consequências daquele acontecimento não se encontrou nada, à data da nossa intervenção no Congresso *Como Viver Juntos*, na UBI, em Maio de 2021, que esteve na origem deste texto. Já durante a escrita do mesmo encontrámos esta notícia 25 de Junho de 2021¹²: “A Agência Portuguesa do Ambiente (APA) aprovou o projeto para construir a futura central fotovoltaica na Herdade da Torre Bela, no distrito de Lisboa, onde em dezembro aconteceu uma montaria em que morreram cerca de 540 animais”. Foi um choque para todos ver aquelas imagens, mas já as esquecemos? Não há penalização para estes atos? Não é nosso propósito discutir tudo o que esteve em jogo nessa herdade que ambicionava, desde o início desta história, albergar uma central fotovoltaica de grandes dimensões e para a qual já tem licença. E o abate de árvores não terá coexistido? Massacres de montados e de olivais antigos têm acontecido por todo o lado, nomeadamente no Alentejo, para darem lugar a monoculturas intensivas. As imagens dos massacres de árvores impressionam-nos tanto quanto as imagens dos

11. Jornal “Público”, 23/12/2020

12. <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/energia/detalhe/agencia-do-ambiente-aprova-central-fotovoltaica-na-herdade-da-torre-bela>, acedido a 29 de janeiro de 2022.

massacres de animais? Quem são estes seres, árvores e outras plantas, que aparentemente não choram, não gritam, mas que sentem, comunicam, cooperam e sofrem, sabe-se hoje¹³

Uma das primeiras defesas modernas de uma ética em torno de todos os seres vivos é a de Albert Schweitzer (1875-1965) com a sua Reverência pela Vida: “A ética consiste no seguinte: eu experimento a necessidade de praticar a mesma reverência pela vida não só em relação a mim, mas em relação a toda a vontade de viver. Tenho assim o princípio moral fundamental de que preciso. É bom manter e acalentar a vida: é mau destruir e ameaçar a vida”¹⁴. Aldo Leopold (1887-1948), Arne Naess (1912-2009), George Sessions (1938-2016) e Lawrence Jonhson (1908-1992), entre outros remetem-nos para a necessidade de uma “outra ética”, uma ética que lide com a relação do humano com a terra, com os animais e com as plantas que nela crescem, acrescentando o valor intrínseco das vidas de todos os seres e da biosfera independentemente dos benefícios que os humanos possam retirar da sua preservação – o valor da vida integral. Enquanto a ética da reverência pela vida destaca os organismos vivos na sua individuação, na sua singularidade, as propostas na linha da ecologia profunda, tendem a tomar algo mais amplo como objeto de valor: espécies, ecossistemas e a Terra como um todo. O projeto educativo aqui presente destaca os seres na sua singularidade, neste caso as árvores, e nas ligações que vivem.

*Continuemos com **esta árvore**, e depois este líquen, esta ave, este inseto, da mesma forma que este humano.*

13. Ver Mancuso, 2019 e Simard, 2021.

14. Citado por Singer em *Escritos sobre uma vida ética*, p.115.

As árvores e as plantas em geral podem inspirar-nos muito com a sua inteligência distribuída e distributiva, a conjugar-mos o singular com o plural, a concebermos o indivíduo e o coletivo dentro da mesma unidade reiterada com valor intrínseco. Goethe e outros naturalistas dos séculos XVIII e XIX (E. Darwin 1731-1802, A. Braun 1805-1877) nas suas observações ativas e contemplativas, já encontravam indícios de uma árvore poder ser um conjunto de indivíduos unidos (Mancuso, 2019), relacionado hoje com conceito de *planta-colônia*, com grande interesse para a gestão das florestas. Quer se trate de um só indivíduo ou de vários indivíduos interligados e interdependes, as árvores são organismos com os quais podemos conspirar, aprender com as extraordinárias redes de cooperação que estabelecem entre si, e com outros seres vivos em seu redor.

Natasha Myers tem vindo a desenvolver a ideia de *Plantroposceno*, em vários dos seus escritos e intervenções artísticas, que apela a aprender a *involuir* com os mais que humanos e em particular com as plantas. A *involuir* no sentido da aproximação afetiva e envolvimento com seres que a evolução tornou diferentes. “Como ser cúmplice desses seres verdes que são substância, substrato, signo e sustento de nossas economias em todo o mundo e que nos mantêm a respirar, abrigados, alimentados, vestidos, medicados, intoxicados e adornados?” (Myers, 2020, s/p). Myers e Hustak (2017) suplementam à ideia de *evolução* a ideia de *involução* traduzindo, esta, modos de atenção à escala temporal e espacial das nossas vidas. Na *involução*, também aparentada com outras formas de a dizer como “prática de ecologia afetiva”, há encontros de prazer, de jogo, do gosto de experimentar, dimensões ausentes na evolução cuja escala temporal está muito para além de cada vida individual.

Manhã de primavera. O Melro canta junto à janela de Vinciane Despret. Capta a sua atenção ativa. Interpela-a sobre a possibilidade de estar habitado pelo prazer de cantar e de estar vivo. É um momento de *involução* entre Melro e Vinciane. A filósofa partilha o seu *devoir com* o Melro em *Habiter en Oiseau* (2019). E que *devoir com* a Vinciane para o Melro? O reconhecimento humano do valor do seu cantar, uma alteração do olhar humano sobre ele. O seu cantar não é, nesta manhã e em muitas outras manhãs, funcional; marcação de território ou chamamento de uma fêmea. Ambos, Melro e Vinciane vivem um momento transformador, *involutivo*. Melro e Vinciane envolveram-se na vida um do outro.

Hustak e Myers dão exemplos de práticas que traduzem processos de *involução* em que os humanos participam. Encontrámos nelas como exemplo as práticas de jardinagem. Embora o poder humano esteja presente, os jardins podem ser sítios onde é possível sentir o impulso que move as pessoas a envolverem-se com plantas (Hustak e Myers, 2012). Plantas e pessoas envolvem-se em projetos de *co-becoming*. Um jardim pode ser desenhado tendo apenas em conta a conveniência, a funcionalidade e o controlo humanos e aí estaremos na perspetiva “antropocénica”. Pelo contrário, “semear” e deixar que outros seres “semeiem” comunidades de plantas onde moram insetos, micróbios, pássaros, animais diversos, incluindo humanos é viver na perspetiva “plantroposcénica” (Myers, 2017). É viver encontros de aliança entre espécies diferentes e é *devoir com* plantas e todos os seres presentes, é *involuir*. Entrar num processo de *involução* implica a habilidade de encontrar interesse ativo nos outros, de cultivar a mais genuína curiosidade.

Por entre ramagens, emaranhados de galhos, folhas, raízes, troncos, chegam-nos em explosão, aromas mentolados, com o doce dos açúcares das flores, que os narizes farejam à procura da origem. Os olhos perdem-se nas nuances de verdes e texturas que comunicam entre si, numa linguagem que intuímos, mas nem ousamos decifrar.

Esta comunicação acontece há milhões de anos; serão cerca de 460M, desde a formação das primeiras florestas (Zhuo, 2017). Antes destas o mundo vegetal mais rasteiro, foi criando condições para que todas estas vidas, e tantas espécies fossem possíveis na Terra, como a nossa.

Há um episódio contado por David Hockney, artista plástico contemporâneo, muito inspirador. Um dia repara nas ervas por onde passa diariamente e toma consciência que não as tem visto nem apreciado. Hockney decide, então, desenhá-las e passa horas a fazê-lo. Durante essas horas vai-se aproximando do que está presente e de toda a sua variedade. Ao escrever sobre isso dá-nos conta da importância do desenho neste processo de atenção e de afetação, tal como a tem no *empirismo delicado*; “Se eu estivesse a fotografá-las não estaria a olhar para elas tão intensamente como quando estou a desenhar e, por conseguinte, não seria tão afetado” (Gayford, 2011: 32). São as capacidades de observação ativa e de afetação que importa valorizar. O tempo do desenho valoriza parte da prática do *empirismo delicado*; rigor na observação, empatia e afetação, dimensões ausentes na educação escolar. Muitos autores contemporâneos, essencialmente filósofos e paisagistas, recuperam e atualizam este conceito, este método. Para nós o *empirismo delicado* ajuda-nos a estar com outros em

experiências de aproximação ao mundo natural, experiências que fiquem marcadas no corpo e que transformem a relação com o mundo, tornando-o mais vivável.

Uma aproximação forte a **esta árvore** é respirar junto a ela e com ela. Respirar junta-nos, no espaço, a esta árvore e, no tempo, a Lavoisier e Séguin (1789). Vamos em visita ao seu texto sobre a respiração dos animais.¹⁵ Aí elogia-se a natureza, pródiga em oxigénio (terminologia contemporânea): os que mais dele precisam mais têm. E aí contrasta-se a natureza com a organização socioeconómica, onde os que mais precisam de alimentos menos têm. É a organização socioeconómica e política que hoje coloca em risco a respiração, a continuidade de mundos viváveis.

Enquanto escrevemos este texto, morre a artista plástica Lourdes Castro. Temos ecos dos seus modos de vida. No auge da sua carreira, retira-se para uma quinta e faz do “aprender a respirar melhor” a sua obra. E respira com as plantas que a rodeiam. “A sua tela”, escreve Paulo Pires do Vale¹⁶, “passou a ser aquela porção de crosta terrestre (...). Aquilo que a obra oferece é dar-nos a *ver e viver de outro modo*”¹⁷. Mote para os modos de ser artista na tela e na crosta terrestre. Não distingue nem hierarquiza entre os seres cultivados e silvestres e espera destes que não hierarquizem entre a sua luz e a sua sombra. As sombras nos jardins surpreendem-nos, dando notícia de seres em quem podemos não reparar. Aprender com Lourdes Castro é também aprender a importância da respiração tanto no sentido real como metafórico. Respirar é reconhecer

15. Marc Séguin foi o médico que se sujeitou às experiências de Lavoisier.

16. Jornal Público, dia 9 de janeiro, 2022.

17. O destaque para *ver e viver de outro modo* é da nossa responsabilidade.

a importância de estar presente, de estar atento a tudo o que acontece, de estar em relação com outros seres numa pequena porção da crosta terrestre.

Entra um raio de sol pela copa de esta árvore, que desaparece rapidamente. Como terá sido sentida esta luz direta por um ser que consegue discriminar muito mais cores no espetro solar do que nós?

— Redes de encontros, experiências

6 de janeiro de 2021. Reunião para pensar o que podemos fazer com uma turma de alunos do 12ºano do Curso de Artes da Escola Secundária Gabriel Pereira de Évora. Estes estudantes estão prestes a deixar a escolaridade obrigatória e terão tido oportunidades de viver experiências significativas na relação com o mundo? A Escola começa a valorizar experiências pedagógicas não formais, mas estas ainda não têm a expressão e a continuidade que precisam. Pensar é preciso e pensar precisa de mundo, tantas vezes ausente nos saberes disciplinares.

Imaginámos algo que pudesse transformar as relações dos estudantes com o mundo natural. Pensámos numa transformação com e em devir. O desafio é lançado na disciplina de Desenho. Há muita vontade de acrescentar mundo à escola, de juntar às linguagens do Desenho, outras linguagens, de aprender a comunicar com não humanos. Os estudantes sentem a importância do que lhes é proposto: “Penso, humildemente, que chegámos a uma certa maturidade, não só em termos de desenho, mas também no pensar. Tenho a certeza de que vamos levar este projeto com a seriedade que ele merece”. Há em nós uma vontade de contribuir

para a construção de uma mundividência que permita *ver e viver de outro modo*. E há, da parte dos estudantes, uma vontade de serem “capturados” e transformados na sua relação com o mundo.

Decidimos que iríamos, em conjunto, fazer mundo com as plantas, desenvolvendo ligações afetivas, sensíveis e recíprocas com estes seres com os quais coabitamos em muitos lugares, de muitos modos, tantas vezes sem nos darmos conta, sem o louvarmos, como os próprios alunos vão tomando consciência.

Cada um escolhe uma árvore, **esta árvore**, em função da sua proximidade física, afetiva, estética ou outra, à qual vai dedicando tempo, visitando-a frequentemente, desenhando-a, fotografando-a, aproximando-se dela com interesse ativo e com curiosidade contínua. No tempo das visitas quisemos tornar claras as vantagens do treino da perceção sensorial, da concentração e da imaginação e do desenvolvimento da consciência das conexões presentes, para começar a *ver e viver* de outro modo. Alimentou-se o entusiasmo por encontrar o inesperado e iniciar novas conversações, que incluem imaginação e afetos. Começou a sentir-se a importância da responsabilidade, da criação de respostas-hábeis¹⁸.

Paralelamente desenvolvemos um conjunto de encontros/atividades que alimentaram o tempo do diálogo que cada um estabeleceu com **esta árvore**. Nesse tempo dedicado às conexões entre humanos e árvores, viveram-se muitos momentos que sublimavam a importância dos encontros, das experiências, do viver junto e de transcender o confinamento imposto pela Pandemia COVID-19; vivemos tudo isto em plena crise Pandémica. Usámos diferentes linguagens e modos de aprender o mundo; junto a

18. No sentido de *response-ability* de Donna Haraway.

esta árvore, juntos em aula, com filmes documentários, textos, *podcasts*, cultivando a mente e o corpo através de todos os sentidos. Em aula (*online* e em sala) refletimos em conjunto sobre o modo de vida das árvores, a sua inteligência distributiva e a comunicação entre elas, a partir do documentário Árvores inteligentes¹⁹ que explora as observações rigorosas do engenheiro florestal Peter Wohlleben e das experimentações da cientista Suzanne Simard. Leu-se um excerto adaptado do texto “Como amar um cogumelo” de Anna Tsing (2010) que nos fala das cidades cosmopolitas que existem debaixo das florestas. Cada estudante foi desafiado a ilustrar o texto através do desenho e construiu-se um painel gráfico coletivo, inspirado no fabulo FERAL ATLAS²⁰ que narra a pluralidade das visões singulares na aventura da relação com o texto e com suas ideias sobre o mundo subterrâneo das árvores. Ouviu-se em *podcast* “O bosque”²¹ da escritora Lídia Jorge para introduzir, sentir e aprender o tempo das árvores.

Todos os encontros foram vividos para estimular e acarinhar o processo em movimento e ajudar a construir caminhos que culminassem numa sintonia com a árvore escolhida, aprendendo a ver mais e a incorporar algumas das suas qualidades. Alimentou-se o entusiasmo e a vontade de comunicar e de continuar reflexões conjuntas, a vontade de questionar e de produzir respostas. Tudo isto, como princípio, como semente para futuras, já referidas, respostas-hábeis. O tempo de todas estas vivências inscreve-se em papel, que outrora foi corpo de árvore; inscreve-se, individualmente, no diário gráfico através de narrações

19. Intelligent Trees de Julia Dordel, Guido Tolke, 2016

20. <https://feralatlas.org>

21. <https://www.rtp.pt/play/p5385/e383078/em-todos-os-sentidos>

verbais e visuais e inscreve-se, coletivamente, no digital. E foi-se inscrevendo em cada um de nós qual “matéria” de compostagem a fermentar a criação de mundos mais viváveis.

— Compor (compostar), re-criar (ar)

O tempo das vivências uns com os outros, incluindo **esta árvore**, foi reativado, e imaginado com o fluxo dos desenhos, das palavras, dos dizeres de todos os que se envolveram, e ativaram o seu interesse pela descoberta de um mundo antes desconhecido, de um outro modo de viver junto. Fomos sabendo das ligações que se foram criando. Recolhemos toda a “matéria” produzida nos diários gráficos. Sem considerar cronologias, nem autorias, decompusemos e fermentámos elementos dessa “matéria” e com os seus nutrientes alimentámos conexões ficcionadas, mas rigorosas (no sentido em que todos os elementos emergem de vivências concretas) num conjunto de painéis visuais – “folhas de *nexus*”, que nos ligam aos momentos de visita a **esta árvore** (Freixo, Laranjeira, Azinheira, Lodão, Jacarandá, Árvore do incenso, Tangerineira, Nespereira, Damasqueiro, Olaia, Ameixeira-de-Jardim). Estas “folhas de *nexus*” são modos de conexões temporais, de seres, de sentires, de pensamentos. São quase uma geografia sensível das árvores presentes, imaginadas com rigor. São presenças físicas e mentais, processo, e de novo produto e processo em ciclo, como o é a vida criativa e hábil, como o é qualquer gesto educativo que se quer semente de criação. Neste processo de re-significação das experiências vividas ao longo deste tempo, exprimimos encontros que nos afetaram e que podem transformar-se noutros encontros para quem se relaciona com estas “folhas de *nexus*” e que traduzem experiências pluridimensionais e temporais. Exprimem-se

encontros com o ramo florido de uma Ameixeira de Jardim, uma Laranja redonda quase escondida sob folhada, os jovens rebentos de um Freixo encostado ao bordo de um canteiro, um tronco velho de Azinheira colonizado por uma miríade de outros seres, as folhas pendentes de um Lódão que dança com o vento, o recorte da copa de uma Olaia sob o céu do fim de dia, as cores tropicais de um Jacarandá, o vistoso aveludado dos frutos de um Damasqueiro, uma Tangerineira imaginada daqui a 50 anos, o livro aberto de uma Nespereira.

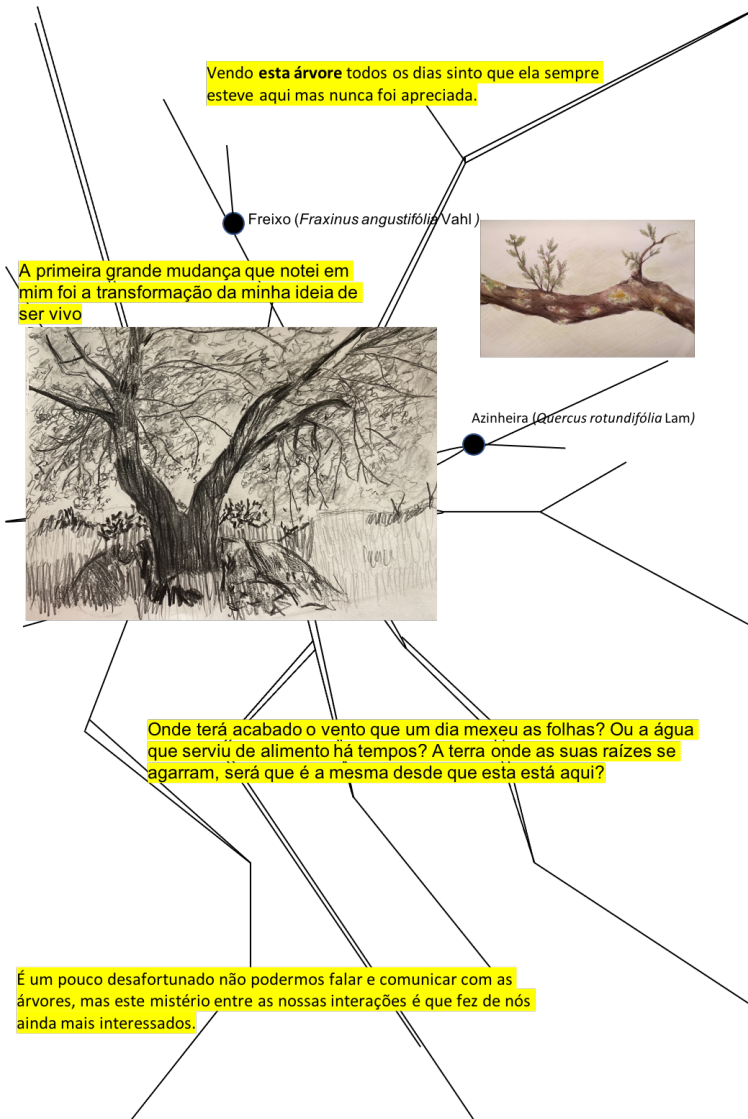
*Quem toco quando toco **nesta árvore**? Como é que o devir com **esta árvore** é devir mundano, é produção de mundo?*

Este questionamento que sublinhámos em Donna Haraway está muito presente nas “folhas de *nexus*” (que se seguem) e nas experiências que lhes deram origem.

*A árvore é afetada por tudo o que a rodeia. “Como são afetadas as vidas das pessoas que passam por **esta árvore** que já tem parte da minha vida?”*

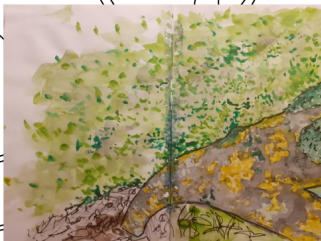
Esta árvore é assim o ser que nos liga, é a oportunidade de dar valor ao tempo da observação ativa, da imaginação, da comunicação entre seres de espécies diferentes; é respiração e aproximação, é ligação. É o desejo de estar e de devir com **esta árvore**.

O desenho transportou o olhar da tridimensionalidade da árvore à bidimensionalidade da folha... Com o desenho acrescentou-se tempo de estar com **esta árvore** e os estudantes aproximaram-se de modos de conhecer do *empirismo delicado*.



Oíço o barulho dos carros, o que é uma pena, porque abafa os outros sons e não se desfruta tanto como gostaria. Será que **esta árvore** também sente isso, também a incomoda o som, e a poluição que os carros deixam no ar?

As árvores são o que nos une, elas ficam com um pouco de nós quando respiramos e nós respiramos o ar que nos proporcionam. Estar com **esta árvore** é estar com todas as pessoas que já lá passaram....

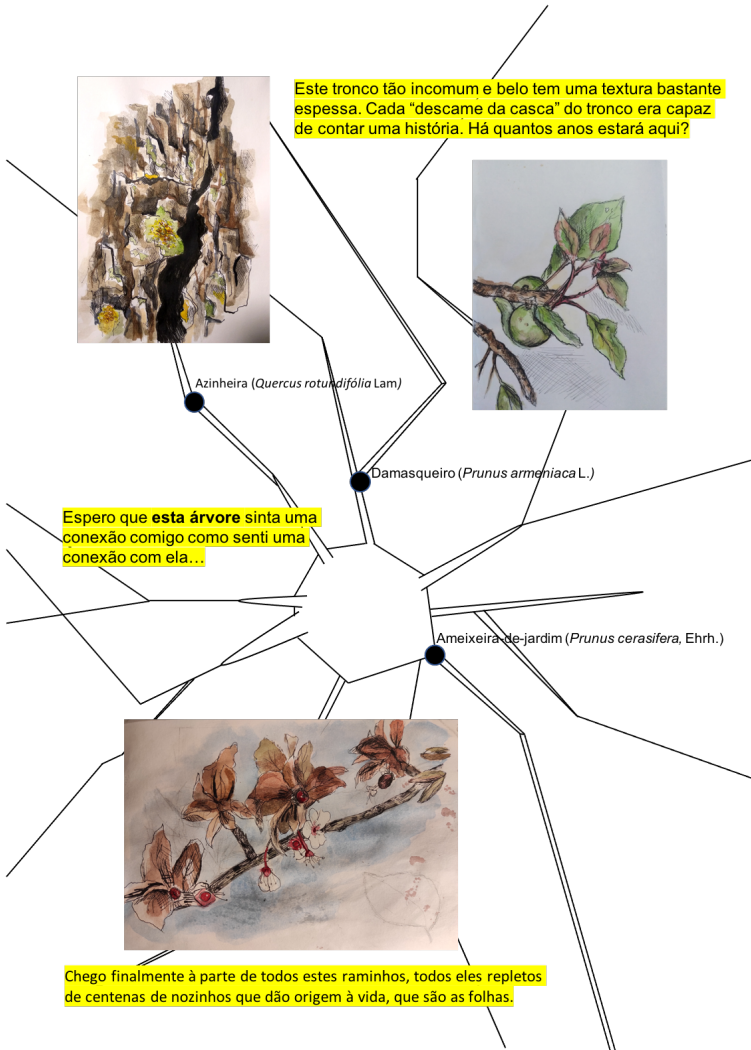


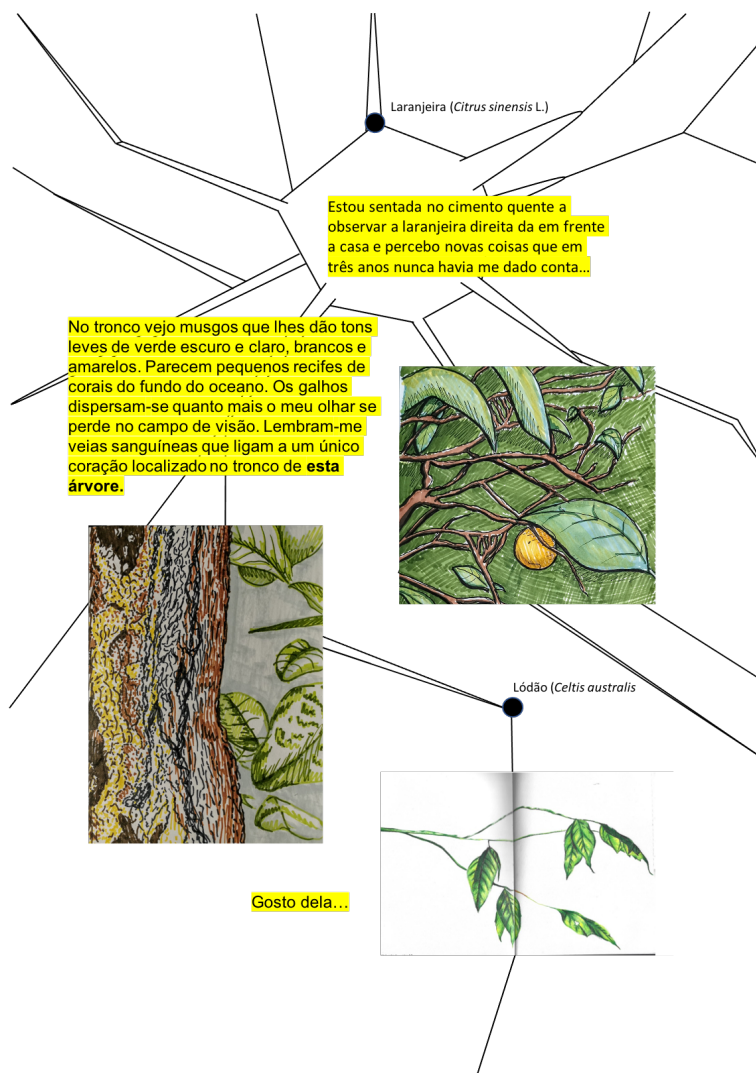
Olaia (*Cercis siliquastrum* L.)

Azinheira (*Quercus rotundifolia* Lam)



Aquelas folhas que ainda resistem à força da gravidade são verdes-secas do lado que contempla o céu e esbranquiçadas do lado virado para a terra.





Quão diferentes serão as vidas das pessoas que já passaram por esta árvore? E será que repararam nela? Será que pararam para admirar as suas imensas folhas verdes na primavera, como eu o fiz? Ou nas suas cores de outono? As histórias que estas cores carregam não sei dizer, mas de certo carregam várias vidas, como agora uma parte da minha.

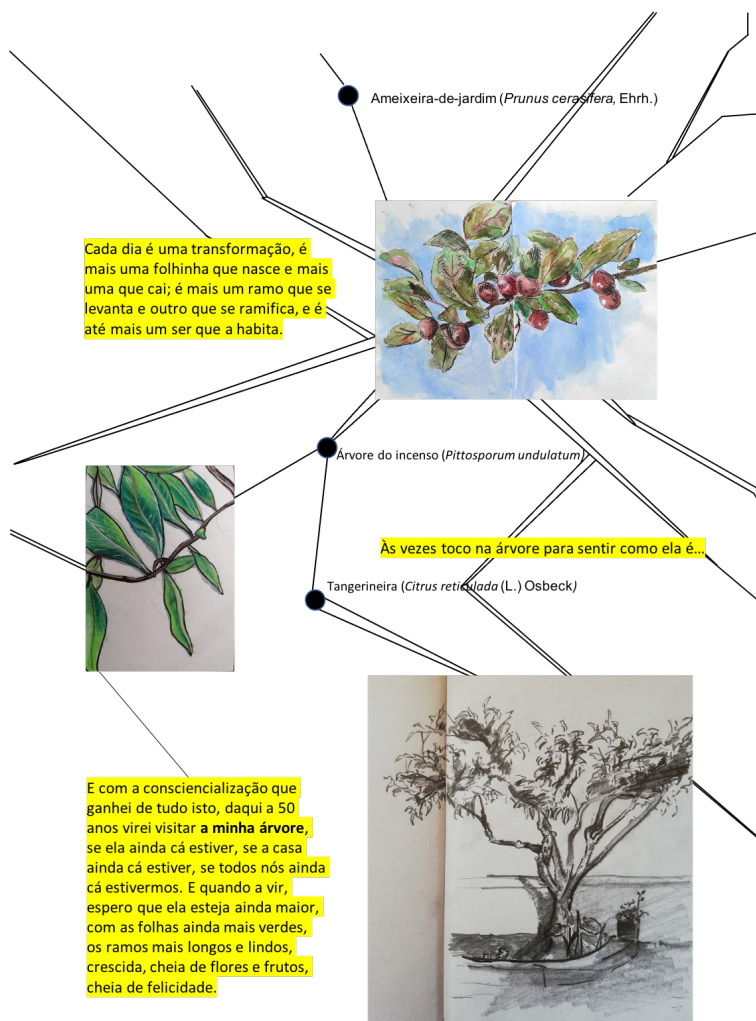
Ameixeira-de-jardim (*Prunus cerasifera* Ehrh.)



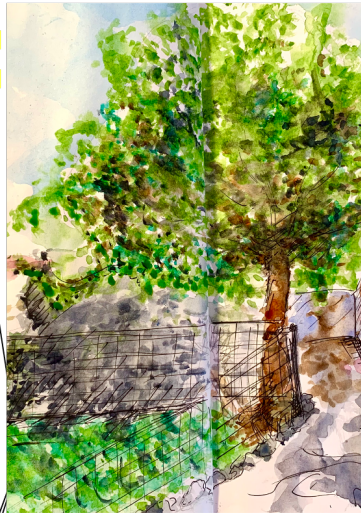
Tenho cada vez mais motivos para visitá-la com frequência...

Jacarandá (*Jacaranda mimosifolia* D. Don)





Esta árvore é mais do que a copa e tronco e uma possível e imaginada raiz. Ela é tudo isso e o que a rodeia, que a afeta...



Lódão (*Celtis australis* L.)

Freixo (*Fraxinus angustifolia* Vahl)

Um dia senti-me observada, e mal eu sabia que o livro pedia para que eu o lesse, que o ouvisse e o compreendesse...



Nespereira (*Eriobotrya japonica* Thunb.)

E realmente, sendo que este estranho livro se encontrava no meu jardim todos os dias à beira de um canto envergonhado, não percebia que a sua linguagem era diferente da minha, que se podia dar pelo simples som das folhas com a brisa do vento, que as páginas eram feitas pelos anos que o tronco tinha, e que as palavras não eram para ser lidas, mas sim ouvidas.

— Devir (ir) com

Todas as experiências de aproximação delicada ao outro, humano e mais que humano, através da escrita, do desenho, da reflexão e das partilhas, intensificam e multiplicam ligações e questionamentos diversos que temos de incorporar nas nossas vidas, no exercício vital de aparentamento com outros seres.

Nesta experiência educativa, o *parentesco* entre humanos e árvores foi-se instalando, mas a *involução* precisa da prática de envolvimento e de transformação mútua, de um tempo que a escola não tem tido. A valorização do mundo vegetal que os estudantes viveram continuará a afetar as suas vidas? Há indícios²² que vão nesse sentido. Acreditamos que o interesse pelas árvores, por **esta árvore** (mobilizador de *go visiting*) ficou ativo e está em devir. Quase todos os estudantes, começaram a perceber um mundo que antes não estava presente nas suas vidas e que alterou as suas mundividências. Sem o saberem já estão no *Plantroposceno*. A quantas árvores responderão habilmente, neste momento e no futuro, com afeto e sentido de responsabilidade?

Todos os elementos que foram forjados como composto, sementes, frutos, ramagens para dar corpo a **esta árvore**, foram potenciando fluxos de conexões. Aspiramos a novos encontros com árvores e outros seres, ativados por educadores, por investigadores, por qualquer um que se deixe chamar por um ser ou fenómeno, por um lugar.

*Quem toco quando toco **nesta árvore**?*

22. Estamos e continuaremos em contacto com estes estudantes que nos vão falando das ligações com estes seres já passados meses (trabalho em construção).

Referências bibliográficas

- ARENDT, Hannah. *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press, 1958.
- ARENDT, Hannah e BEINER, Ronald. *Lectures on Kant's political philosophy*. Chicago: University Chicago Press, 1982.
- BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza*. Versão eletrônica de domínio público da obra de 1620, com tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000047>.
- BRAMLY, Serge. *Un Piège à la Lumière*. Paris: Flammarion, 1992.
- GAYFORD, Martin. *A bigger message – conversations with David Hockney*. Londres: Thames & Hudson, 2011.
- GOETHE, Johann Wolfgang e ECKERMANN, Johann Peter. *Conversations of Goethe with Peter Eckermann*. Da Capo Press, 1998.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Theory of Colours*. MIT Press, 1997 (reproduzida a partir da primeira edição em inglês de 1840).
- GREEN, Maxine. The Darkness and the Light. Reconceiving the Imagination. *Teachers & Writers*, v. 33, n. 2, 2001, p. 29-30.
- HARAWAY, Donna. *When Species Meet*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2007.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble*. Durham: Duke University Press, 2016.
- HARAWAY, Donna. *Manifeste des Espèces Compagnes*. Paris: Climat, 2018.

- HUSTAK, Carla e MYERS, Natasha. Involutionary. Momentum: Affective Ecologies and the Sciences of Plant/Insect Encounters. *Differences*, v. 23, n. 3, 2012, p. 74-118.
- LAVOISIER, Antoine Laurent e SEGUIN, Armand Jean François. *Premier Mémoire Sur la Respiration des Animaux*, In *Mémoires de Chimie et Physique*, Oeuvres, t. II, 688-703. Paris: Imprimerie Impériale, 1862 (original 1789).
- MANCUSO, Stefano. *A revolução das plantas – Como a inteligência vegetal está a inventar o futuro do planeta e da humanidade*. Lisboa: Pergaminho, Bertrand, 2019.
- MYERS, Natasha. How to Grow Livable Worlds. In OLIVER-SMITH Kerry &, HARN, Samuel P. (Ed.): *Art in the age of Anthropocene*. Gainesville: Museum of Art and University of Florida, 2018, p.53-63.
- MYERS, Natasha. Are trees watching us? *Spike Art Magazine*, n. 65, 2020.
- MYERS, Natasha. From the anthropocene to the planthropocene: Designing gardens for plant/people involution. *History and Anthropology*, v. 28, n. 3, 2017, p. 297-301.
- NEWTON, Isaac. *Opticks: Or Treatise of the Reflections, Refractions, Inflections & Colours of Light*. Nova Iorque: Dover Publications Inc., 1979 (publicação baseada na 4ª edição de 1730).
- NUSSBAUM, Martha. *L'Art d'Être Juste*. Paris: Climat, 2015.
- ROBBINS, Brent. New Organs of Perception: Goethean Science as a Cultural Therapeutics. *Janus Head*, v. 8, n. 1, 2005, p. 113-126.

- SIMARD, Suzanne. *Finding the Mother Tree: Uncovering the Wisdom and Intelligence of the Forest*. Londres: Penguin books, Lda, 2021.
- SINGER, Peter. *Animal liberation*. New York: Avon Books, 1975.
- SINGER, Peter. Escritos sobre uma vida ética. (Ed. Portuguesa). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008.
- TSING, A. Arts of Inclusion, or How to Love a Mushroom. *Mãnoa*, v. 2, n. 22, 2010, p. 191-203.
- VALENTE, Mariana e ILHÉU, Maria. *Romances com a Terra*. Lisboa: Caleidoscópio, 2021.
- VARELA, Francisco. *Connaitre – les sciences cognitives tendances et perspectives*. Paris: Seuil, 1989).
- ZHUO, Feng. Late Palaeozoic plants. *Current Biology* v.27